A moral nas praias

—x—

A Comissão nomeada para estudar os modêlos de fatos de banho a usar na próxima época balnear, pronunciando-se já sôbre o assunto, deliberou que tanto os de homem como os de senhora sejam de lã e os primeiros de feitio que não envergonhe quem os veste...

O progresso e a civilização fazem, assim, um pouco de marcha atraz...

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 34.º — Sábado, 1 de Março de 1941 — N.º 1670

VISADO PELA CENSURA

Á margem da guerra

SOLDADOS HOLANDESES, QUE RENUNCIARAM AO PROTECTORADO EM QUE VIVIAM, COMBATEM HOJE AO LADO DA INGLATERRA

O domínio do Mar nas lutas liberais

pelo Dr. Alberto Souto

O que se passou em Portugal, de 1826 a 1834, isto é, a guerra entre absolutistas e liberais, entre os partidos de D. Miguel e de D. Pedro, comprova de modo frizante a veracidade da teoria da influência do poder marítimo na História, teoria a que me tenho referi'o nos artigos anteriores.

D. Miguel, apossando-se do trono e do govêrno, conseguiu, depois de derrotar na Cruz dos Moroiços e no Marnel do Vouga as fôrças da Junta liberal saída da revolução de Maio de 1828, abafar em todo o país, com a prisão, o cacete e a fôrca, os últimos protestos dos seus adversários.

Mas o que os miguelistas não conseguiram, foi manter o domínio do mar, e daí lhes veio a sua derrota.

Efectivamente!...

Destroçados e internados na Galiza os restos do exército liberal; fugidos do Pôrto, no *Belfast*, os principais dirigentes do movimento; sepultadas as cabeças dos enforcados, que a selvageria miguelista espetara em postes em frente às casas das famílias e nas praças públicas, nada parecia poder resistir.

O movimento liberal estava liquidado, e D. Miguel com os seus fanáticos e os seus apostólicos dominavam em absoluto.

Na Ilha Terceira, porém, bruxoleou uma luz. Ali se organizou uma regência, um núcleo de fôrça, um germen de vitória.

A Terceira recebe reforços. De Inglaterra, de França, do Brazil partem emigrados, partem auxílios, partem soldados, marinheiros, oficiais, generais e dirigentes que chegam à ilha heroica, a-pesar-do bloqueio.

Na primavera de 1829, uma expedição comandada pelo Conde de Vila Flor, mais tarde Duque da Terceira, ilude a vigilância da esquadra miguelista, afronta esta por fim e desembarca em Angra sob o fogo inimigo.

D. Miguel aperta o bloqueio, manda contra a Ilha uma esquadra com tropas de desembarque, mas o bloqueio resulta ineficaz e a esquadra é estrondosamente derrotada na batalha da Praia da Vitória em 11 de Agosto de 1829.

Esta derrota não mais poude ser reparada pela marinha absolutista. Foi um dardo de morte cravado para sempre no dôrso da fera!

A esquadra liberal aumenta dia a dia de fôrça e de prestígio e assegura a liberdade das comunicações com o arquipélago dos Açores, totalmente na mão dos liberais.

Em 27 de Junho de 1832 D. Pedro, que de rei de Portugal e imperador do Brazil nobremente se reduzira a Duque de Bragança e mero regente em nome de sua filha D. Maria II, embarca solenemente na corveta *Amélia*, seguido por todo o seu, aliás, bem diminuto exército, e aproa ao Continente.

A expedição paira ao norte do Pôrto; ràpidamente, a-pezar-da ressaca, se efectua o desembarque, e os 7.500 bravos pisam a praia de Arenosa do Pampelido, mais conhecida pela praia do Mindelo.

Inactiva, inerte e inútil, a esquadra miguelista, como que envergonhada da derrota dos Açôres, deixa ao adversário a liberdade do mar.

O exército liberal entra no Porto. Segue-se o cêrco. D. Miguel vai em pessoa animar as tropas sitiantes que, sempre repelidas, acabam por perder o moral e a energia na ofensiva.

O problema militar, contudo, é sério e grave. O Porto não capitula, mas as fôrças sitiadas não podem romper o cêrco.

Os sitiantes conteem dentro dos muros da cidade invicta o punhado de herois que a guarnecem, mas não podem cortar-lhe as comunicações por mar.

A liberdade do mar, permitida pela fraqueza da esquadra miguelista, sugere uma diversão militar do mais extraordinário alcance.

Uma audaciosa expedição de 1.500 homens embarca para o Algarve comandada por Vila-Flor.

A esquadra miguelista, que aparece, é derrotada pelo almirante Napier no cabo de S. Vicente.

O minúsculo corpo expedicionário marcha ràpidamente do Algarve até Almada, aniquila num instante as fôrças que lhe opõe o repelente Teles Jordão, atravessa o Tejo, entra em Lisboa. D. Miguel, atonito, abandona o Pôrto. E' tarde!

A derrota adeja sôbre êle a sua aza negra vingadora das violências e barbaridades praticadas. Começa o desastre. Chega a hora da expiação!

Perdido o domínio do mar, os miguelistas acham-se prisioneiros no próprio país, onde estrebucham em várias direcções, desorientados e impotentes contra o acerto dos golpes que lhes vibra o pequeno exército liberal que, graças à supremacia marítima, dispõe do melhor dos elementos ofensivos—a iniciativa.

Lisboa, cercada pelo exército de D. Miguel, repete o heroismo do Pôrto.

O exército miguelista tem de levantar o cerco do Pôrto e tem de abandonar o cerco de Lisboa.

A liberdade das comunicações marítimas aliada a um grande moral dos combatentes, torna inanes todos os esforços dos miguelistas.

Napier desembarca no norte e entra pelo Minho. Vila-Flor domina Traz-os-Montes. Inicia-se a marcha victoriosa para o sul. Sá da Bandeira avança do Algarve.

De sitiante, o exército de D. Miguel passa a sitiado. Perde a posição ofensiva, passa a uma defensiva desesperada.

Convergem as fôrças liberais contra as suas desastradas tropas, que a breve trecho, se vêem encurraladas nos fojos da região de Santarem.

Batidos nas batalhas campais de Almoster e Asseiceira, os miguelistas vão acabar no Alentejo, depondo as armas, convencidos da total derrota pela convenção de Evora-Monte. (Maio de 1834).

Exemplo formidável êste, das lutas liberais!

* * *

Formidável exemplo, êste, o das lutas liberais em Portugal!

Exemplo militar, apenas?

Não! Ensinamento terrível para aquêles que *invocam em vão o nome de Deus* e pretendem, sacrilegamente, tornar a divindade cumplice dos seus desvairos políticos, como fizeram os frades, os apostólicos, os absolutistas e miguelistas de 1828 a 1834.

Deus, em vez de os ajudar, fulminou-os, consentindo a sua derrota e dando a vitória à Liberdade...

Mas, agora, só o tema histórico-militar nos interessa e não aquilo que poderíamos chamar a metafísica das batalhas.

Como exemplo da influência do domínio do mar no desfecho dos conflitos armados, as lutas liberais, fornecem um precioso ensinamento!

O 34.º aniversário de "O Democrata"

iniciado com um jantar de confraternização e amizade

Na sala de mesa do *Arcada Hotel*, ampla e alegre, mesmo nos dias chuvosos e tristes do inverno, efectuou se, no sábado, a reunião da família do *Democrata* para comemorar, num jantar íntimo e fraternal, a entrada dêste semanário no 34.º ano de existência.

O *agape*, bem cosinhado e bem servido, como é costume da casa, constou de vários pratos, conversando-se animadamente durante o repasto e até à despedida dos convivas, já depois das 22 horas.

Na altura de estalar e espumante do *Barrocão*, o nosso director leu a seguinte *carta a uma amiga... de perto*, dirigida a *Zèmi* que se achava sentada ao seu lado direito:

Minha Senhora:

Este jantar simples, modesto, como a organica, a maneira de ser de tôda a minha vida, é-lhe particularmente dedicado.

Foi com o pensamento fixo em V. Ex.ª que deliberei realizá-lo, reunindo hoje no *Arcada* a família do *Democrata*. E' que, minha senhora, precisava de lhe dizer alguma coisa que equivalesse a um agradecimento pela distinta, contínua e preciosa colaboração que tem dado ao meu jornal. Dirá V. Ex.ª, talvez, nesta altura, que estão aqui outros com iguais direitos e portanto dignos de serem englobados, também, nêsse reconhecimento. De facto, assim acontece. Mas a circunstância especial de se tratar duma senhora e — o que é mais — duma aveirense, filha dum amigo e neta dum correligionário, que igualmente espalhou pelas colunas do *Democrata* ideias e pensamentos de mistura com sugestões apreciáveis e interessantes, obriga-me a colocar V. Ex.ª acima de todos. Que êles me desculpem.

Faz hoje anos que apareceu o primeiro número do *Democrata*. Trinta e quatro anos! Ainda, portanto, V. Ex.ª não era nascida e já eu andava com a gazeta às voltas, a preparar o meu calvário, visto outra coisa não ter sido a minha vida jornalística. Não entro, porém, em minúcias porque isso levaria longe e as massadas estão proïbidas. No entretanto dir-lhe-hei, minha senhora, que me dou por compensado da tarefa, que voluntàriamente executo, ao constatar, depois de tão longa jornada, que as suas *Cartas a uma amiga de longe* são esperadas tôdas as semanas com curiosidade e lidas com o maior apreço.

E' a primeira vez que uma senhora de Aveiro aparece como colaboradora assídua dum jornal da terra. Essa honra coube ao *Democrata*— orgulhosamente o registo—cujos leitores formam um *escol* desvanecedor na presente conjuntura, sendo em face de tal observação que escolhi esta data para manifestar lhe, repito, a minha profunda gratidão e prestar-lhe, em nome dos numerosos apreciadores das *Cartas a uma amiga de longe* a hamenagem a que têm incontestável direito os seus méritos literários e as suas virtuosas qualidades pessoais.

Aceite-a, pois, minha senhora, e nunca se arrependa de haver contribuido com a sua fecunda inteligência para o conforto espiritual de quem a lê.

Termino, bebendo pelas suas felicidades futuras — porque as presentes se acham asseguradas dentro do lar doméstico — por aquelas felicidades que são sempre um ponto de interrogação, que sinceramente lhe desejo e pelas quais faço ardentes votos.

A seguir, o dr. Alberto Souto, num brinde cheio de elegância, corrobora o que atrás fica dito, e o dr. José Vieira Gamelas, que, por circuntâncias especiais, assiste ao jantar, mostrando-se sensibilisado, brinda pelas prosperidades do *Democrata*, agradecendo, no final, o nosso director a colaboração de todos e o prazer que lhe deram tão bons amigos com a sua presença.

Ponte de Angeja

Ainda não vai desta por as propostas apresentadas ao concurso terem sido excluídas.

Mais um compasso de espera.

Transcrição

O *Ecos de Cacia* também transcreveu a local—*Quem acode à «pequena imprensa?»*— o que agradecemos.

E nisto se resume tudo!...

A SARDINHA

Devido ao mau tempo deixou de a haver frêsca; em compensação aparecem nos mercados da salgada, mas é vendida ao preço de 25 centavos cada uma!

Só para quem tiver desejos...

Prole avantajada

Em Angola, Mapunda, faleceu com 106 anos, Joaquim de Jesus, colono da Madeira, que deixou 4 filhas vivas, 50 netos, 152 bisnetos e 4 tataranetos.

Caspité!

O ciclone e seus efeitos

Auxílios indispensáveis

Á medida que o tempo passa, que as comunicações se restabelecem e se vai levantando o trágico inventário das ruínas e destruïções provocadas pelo ciclone, mais terrível êste se nos apresenta nas suas conseqüências: a nossa riqueza florestal comprometida; comprometidas, também, as nossas culturas frutícolas; gràvemente prejudicada a indústria de pesca; arrazadas muitas das nossas culturas horticolas e, como se tudo isto já não bastasse, casas destelhadas, caminhos que se transformaram em barrancos, gado que se perdeu...

Depois, as vidas humanas que o ciclone arrastou, assassinou...

Numa Europa desgraçada, nós eramos, talvez, uma excepção. Agora, a distância é menor, a excepção menos gritante. Agora, temos, também, a nossa guerra — a guerra pela restauração da nossa economia abalada. Mas, como nas guerras, não venceremos sem serenidade, e sem coragem, e sem fé.

A hora não é de se ficar de braços cruzados — à espera de que o Estado faça o que seríamos bem capazes de fazer. Nunca é lícito pedir demasiadamente ao Estado— e muito menos agora, que são enormes os seus prejuízos...

O Estado, evidentemente, acudirá aos problemas com solicitude e prontidão. Já mesmo o vem fazendo, em especial através dos ministérios da Economia e Obras Públicas Mas há uma parte de que os particulares se devem incumbir, prestando, os mais ricos, auxílios aos mais pobres, esquecendo-se um pouco os comerciantes de que são comerciantes, trabalhando todos, sacrificando todos alguma coisa, procedendo cada um como se dêle, exclusivamente, dependesse a batalha que se está travando.

FEIRA DE MARÇO

O Concelho da Murtosa estranha a falta de propaganda do tradicional mercado anual da nossa terra, que tanto povo cá chamava dos seus sitios, e pregunta:

—Apatia ou quê?

Quanto a nós, as causas devem encontrar-se, talvez, na falta de sangue novo a agitar, a impulsionar, a entusiasmar a alma—do negócio...

O Seminário

Desculpem o atrevimento de meter a foice em seara alheia, mas o que se passa à volta do edifício para o Seminário merece que, estranhando tantas dificuldades em obter dinheiro para a sua construção, aqui digamos o que, a tal respeito, nos segere êsse facto.

O Seminário, dizem, tem já local escolhido para as bandas de S. Tiago. Só falta, portanto, reunir os capitais indispensáveis e iniciar a obra. Mas onde ir busca-los de maneira a chegarem? Eis o que, em poucas linhas, nos propomos esclarecer.

Há, em Aveiro — dentro da cidade— pelo menos 30 grandes fortunas que, somadas, devem atingir uns 50 mil contos. Subscrevessem os seus detentores com 20 contos cada um—uma gota de água tirada ao Oceano—e só aqui se apuraria tanto como 600 contos para as primeiras despezas a fazer.

Não ficam, porém, circunscritos a esta verba, os nossos calculos. Há mais. Além das 30 mencionadas grandes fortunas contam-se ainda, talvez, meio cento de casas às quais não faria diferença a contribuïção de um a cinco contos, consoante os meios, o que daria, na pior das hipóteses, em média, mais 100 contos. Só na cidade, portanto, juntar-se-iam 700 contos se... se da parte dos privilegiados da sorte não houvesse tanta desconfiança no dia de amanhã...

Quere dizer: se todos os que podem acorressem ao apêlo do prelado, não com quantias irrisórias, mas oferecendo importâncias de harmonia com aquilo que possuem, o Seminário, a esta hora, não seria uma coisa indecisa para ir já a caminho da realidade.

Que falta fazem vinte contos a quem possue quinhentos, mil e mais?

Com a restauração da diocese é inegável que Aveiro lucrou. O sr. D. João farta-se de escrever, de contar histórias, de pedir que auxiliem a cruzada que tantos anos levou a vencer. Donde hão-de vir, para isso, os recursos? Dos pobres? Dos que vivem, apenas, do seu trabalho? Dos remediados?

Não desejamos ir mais longe. Isto não é connosco. Todavia lamentamos que o órgão da diocese continue na faina inglória de apontar uma necessidade instante, quando, afinal, o remédio, vistas as coisas pelo seu verdadeiro prisma, se encontra muito para cá de Roma...

Voltou a luz!

Acabaram ontem as trevas pelo aparecimento da luz na cidade.

Aleluia! Aleluia!

Correio atrasado

Numa carta datada de 1 de Novembro do ano findo, mas recebida na segunda-feira, dá-nos conta o nosso amigo e conterrâneo, Marino Moreira, residente na Beira (Africa Oriental) do envio duma nova remessa de roupas para os pobres e que deviam ser distribuidas pelo Natal. Levou a carta perto de quatro mêses a chegar; da encomenda ainda não recebemos aviso de recepção; no entretanto aproxima-se a Páscoa que, para dar cumprimento às instruções de Marino Moreira, substituirá o Natal.

O ponto é que os embrulhos anunciados sejam recebidos.

Procissão da Cinza

Sempre se efectuou no dia próprio êste tradicional cortejo religioso, que percorreu o itenerário do costume por entre alas compactas de povo, em elevado número, vindo de fóra.

O ponto donde se disfruta melhor a sua imponência é do Rossio e quando já tem dado a volta para a Rua 5 de Outubro.

Magestoso espectáculo!

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

DESASTRE

Um pouco adiante das Pirâmides, no caminho da Gafanha, virou-se na quarta-feira um camion carregado de madeira para construções navais, que se dirigia aos estaleiros. Felizmente, não houve ferimentos de gravidade, tendo comparecido no local os pronto-socorros das duas companhias de bombeiros.

O TEMPO

Melhorou com a lua nova; todavia desconfiamos que ainda não está seguro devido às nuvens que, de vez enquando, aparecem a toldar o firmamento.

Pois era bom que depois da tempestade a bonança viesse compensar-nos daquilo a que o Inverno nos sujeitou.

AFONSO XIII

Está gravemente enfêrmo, em Roma, o ex-rei de Espanha, receando-se muito pela sua vida.

Sofre de contínuos ataques cardíacos e dum geral enfraquecimento.

O Carnaval

Passou por nós, êste ano, de dominó. Não o conhecemos. O temporal que assolou todo o país, recentemente, não permitiu que êle tirasse a máscara para se mostrar.

Uns bailes, apenas, para os quais se improvisou luz duma central particular, foram a única manifestação.

O baile dos *Galitos* continúa a destacar-se, agora sòmente pela decoração do teatro, que honra a tradição.

Este ano essa decoração foi subordinada ao tema: *Môlho de Escabeche*. Ideia esplêndida, realização feliz. A base até aos camarotes, uma bela impressão do quadro das vindimadeiras, achamo-la muito bem. Equilíbrio de côr, de forma, de proporção nos elementos decorativos.

O friso dos camarotes, com grandes figuras representativas dos principais quadros da peça, já nos não agradou. Excessivamente pesado no seu conjunto, as figuras, por vezes, tratadas com pouca beleza, crêmos ser o pior pormenor de tôda a realização. Para cima, os moinhos e as flores, os gaiatos do escabeche e o remate junto ao tecto com leques, alusivo ao belíssimo quadro das ondas, bem—agradou-nos e completava um conjunto que, efectivamente era optimo. Parabéns a quem imaginou e realizou essa tarefa cada vez mais difícil.

Quanto ao baile pròpriamente, que tristeza! Menos gente, muito menos gente. Nenhuma animação. Parecia que quási todos tinham ido ali cumprir um doloroso dever: o da presença

Nós podemos até nêsse número ser incluídos. Mas não foi só no baile dos *Galitos* que isso se deu, foi em todos Nem os rapazes novos, na sua maior percentagem, se salvaram dêsse estado doentio, confrangedor, como decorreram.

Temos, infelizmente, razões de sobra para não estranharmos êste espectáculo. E' preciso, porém, reagir.

Um reparo para concluir: — não se ouviu, do *Môlho*, um único número. Era natural ter sucedido o contrário, terem-se ouvido todos ou quási todos. Foi pena que não se tivessem lembrado disso, pois teria sido causa do mais vivo entusiasmo, completaria, de certo modo, o ambiente e contribuïria para a continuação da propaganda da peça e da própria música.

* * *

Durante o baile do *Beira-Mar*, realisado na noite de 21 de Fevereiro, houve o anunciado concurso de vestidos de chita, que despertou grande interesse. Foram 14 os modelos apresentados, apurando-se, depois da votação a que se procedeu, o seguinte resultado: 1.º, Maria Adelaide Trindade Ferreira; 2.º, Maria de Lourdes Patarrana; 3.º Silvina Freire e 4.º Maria do Ceu Lourenço. Os vestidos premiados foram confeccionados, respectivamente, pelas modistas D. Maria M. Pinho, D. Marília Reis, D. Cecília Sarrazola e D. Maria Luisa Picado.

Efectuaram-se também os bailes do Club Mário Duarte, um no Teatro e os outros na sua séde, da Companhia Voluntária S. P. Guilherme G. Fernandes e dos públicos só o último é que teve alguma concorrência.

Cartas a uma amiga de longe

Março, 1941

Minha querida:

Quando há tempos te vi partir — os olhos ainda enevoadas de saüdade — comecei, dêste cantinho do *Democrata*, a contar-te o dia a dia da nossa querida cidade, do nosso país. Sem um nome de valor para assinar essas cartas, comprazia-me falar-te de tudo, escondida pelas letras dum nome, que nada dizia a ninguém, mas que para ti tinha alguma significação. Mas... o Carnaval chegou e alguém, esquecendo que uma máscara é sagrada, mesmo quando pessoas há que julgam conhecê-la, levantou-a traiçoeiramente, acabando assim com a razão de ser destas cartas para longe.

Ao ilustre director do *Democrata*, a quem fico devendo o prazer espiritual que nêstes meses gosei, o seu encorajamento e tôdas as suas inúmeras gentilezas, o meu mais vivo reconhecimento.

Aos colaboradores consagrados do jornal, que enfeitaram a minha humilíssima penugem de gralha com vistosas penas de pavão, agradeço, igualmente, a sua complacência.

E a ti, minha querida amiga, que de longe lias estas cartas semanais, eu desejo que te diga outrem o pouco que tão mal te sabia contar.

Um abraço da

Zèmi

A excessiva modestia da nossa ilustre colaboradora levou-a a tomar uma atitude que deveras nos desgosta. Vamos, porém, envidar todos os esforços para a demover do seu propósito confiados em que *Zèmi* há-de atender a razão e fazer justiça às nossas intenções.

IMPRENSA

O Mundo Português

Publicou-se mais um número, que não desmerece dos anteriores.

As palmeiras

Com êste titulo, o cronista de Lisboa para o *Comércio do Pôrto*, escreve:

Entre as destruïções, produto do ciclone do dia 15, conta-se a de algumas palmeiras dos jardins, praças e avenidas da cidade. Nem tudo—louvado Deus!—havia de ser desgraça e infelicidade.

Lamento, profundamente, que o vento tão desastroso não tivesse tido para o compensar dos outros malefícios a boa ideia de fazer desaparecer tôdas as insuportáveis e implicantes palmeiras, permitimo-nos fazer votos por que aquelas que o vento levou não sejam substituídas por irmãs. Ao menos que de tanta desgraça fique alguma coisa boa. Isto já não falando na necessidade, cada vez maior, de pôr termo, definitivamente, ao detestável domínio da impertinente palmeira.

Nós já não vamos tão longe porque há lindos exemplares de palmeiras que ornamentam os locais onde se acham plantadas. Mas se o cronista visse os quatro troncos que, como quatro tochas, se erguem, ali, aos cantos das escolas primárias...

E olhe: escaparam também!

Infelicidade da terra...

Missa de sufrágio

Na igreja do Carmo é resada na próxima quinta-feira, pelas 9 horas, uma missa para comemorar o 3.º aniversário da morte da sr.ª D. Amélia Génio da Silva Barata Freire de Lima, saüdosa esposa do sr. alferes José Barata Freire de Lima.

Banco Regional

Desta casa de crédito aveirense, de que são actuais directores os srs. Alfredo Esteves, Egas Salgueiro e Silva Rocha, recebemos o Relatório da gerência do ano findo, que acusa um saldo positivo de 235.000$81, em virtude do desenvolvimento que têm tomado as operações nela efectuadas.

Congratulando-nos com tais resultados, muito estimamos que êles aumentem cada vez mais para honra de Aveiro.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, o sr. Humberto Trindade, da firma Trindade, Filhos, *e o Fernandinho, filho do sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); no dia 3, o sr. José Robalo Lisboa Júnior, e o académico Henrique Ramos Guimarãis, filho do sr. Manuel José da Costa Guimarãis; em 4, a menina Cedalina Denis e os srs. Albano H. Pereira, da firma* Ferreira Pereira & C.a; *Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria 10; dr. Ernesto Nunes Vidal, médico no Porto, e José dos Santos Jorge, guarda-livros na mesma cidade; e em 6, o sr. José Ferreira da Costa Mortagua, empregado nos escritórios da* Vacuum Oil Company.

Casamentos

No último sábado realizou-se, na Sé Catedral, o enlace matrimonial do capitão da marinha mercante sr. José Estêvão da Naia, com a simpática tricaninha Maria Clementina Picado Miranda, servindo de padrinhos os srs. António Vilar e João Maria dos Santos e esposas.

Muitas felicidades.

—Pelo sr. Manuel Vicente Ferreira foi pedida, no domingo, para seu sobrinho António Ramires Ferreira, escriturário na Capitania do Porto e filho do sr. António Vicente Ferreira, a mão da gentil Deolinda Borrêgo, que tanta graça imprimiu aos papeis que desempenhou na revista Ao cantar do Galo.

O enlace efectuar-se-á brevemente.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Jaime de Melo e Costa, professor em Salreu; José Nunes de Figueiredo, guarda-livros em Águeda; e Celestino Neto, aspirante de Finanças em Castelo de Paiva.

Doentes

Têm melhorado nos últimos dias os srs. Henrique Rato, João Mota e Laurélio Guimarãis.

Desejamos o restabelecimento de todos.

Carta de Lisboa

A redução da taxa de juro

Mais uma redução da taxa de juro acaba de ser feita nos bancos de Portugal e de Angola.

A taxa de juro que, quando Salazar chegou ao poder, era de 8% tem baixado sucessivamente de forma a estar já em 4 1/4 %.

Medida da maior importância, que muito e muito vem beneficiar todos quantos utilizam o crédito, ela revela bem eloqüentemente, não apenas o valor da prosperidade das nossas finanças como a sua saúde, resultado admirável e magnífico da grande obra de Salazar.

Interessante publicação

Assim pode justamente cognominar-se o completo volume ora publicado pelo S. P. N. com o título *A obra de Salazar na pasta das Finanças.*

Documentário completo de tôda a obra levada a cabo por Salazar na pasta das Finanças, graças a êle é possível compreender melhor a grande e patriótica acção desenvolvida pelo Homem a quem o país deve o completo Renascimento.

Justa compreensão

A maneira como todo o país tem sabido compreender a acção do Govêrno, ante os estragos do terrível cicione do passado dia 15, está cima de todo o elogio.

Tôda a gente compreendeu que não podia ser apenas o Govêrno a arcar côm todos os prejuizos. Tôda a gente viu que a atitude governamental devia ser ajudada pela iniciativa particular.

E, assim que, felizmente, embora com a lentidão que era impossível evitar, o país tem regressado à normalidade.

Mas se a iniciativa particular é digna de todo o elogio, há que destacar nela principalmente a atitude da nossa colónia de Angola que, através o seu ilustre Governador Geral, procurou informar-se, junto do Govêrno, sobre a maneira como melhor podia contribuir para ajudar a debelar os terríveis efeitos da catástrofe. Mais uma vez a unidade de todo o Império se acentuou e afirmou de maneira a merecer elogios.

A acção da F. N. A. T.

Graças ao novo Regulamento recentemente aprovado pelo Govêrno, vai a F. N. A. T. entrar num período da mais intensa actividade cultural.

A' obra, já admirável, realizada pelo patriótico organismo, irão, pela certa, juntar-se, dentro em breve, novos e maiores louros.

GIL DO SUL

Secção Desportiva

Foot-Ball

Beira-Mar 5 — Ovarense 2

A contar para o campeonato nacional da 2.a divisão jogaram no passado domingo, nesta cidade, as categorias de honra da *A. D. Ovarense* e do *S. C. Beira-Mar.*

O grupo local registou a quinta vitória consecutiva, terminando a 1.a volta à cabeça da sua zona com três pontos de avanço do segundo classificado.

O desafio de domingo foi, dos realizados na presente época, nesta cidade, o mais emocionante e o mais bem disputado. O *team* local, depois de estar a perder por 2-0 a vinte minutos de jôgo, conseguiu recompôr-se e chegar ao fim na situação de vencedor. Foi uma vitória justa que premeou o trabalho da melhor equipa, da que melhor jogou, da que mais interesse mostrou na luta.

Num desafio em que tiveram, como adversário, um grupo aguerrido e combativo e um árbitro que procurou a todo o transe, servindo-se de todos os processos, mandar a vitória para Ovar, os rapazes do bairro piscatório souberam lutar de maneira a não deixar dúvidas sôbre a sua superioridade perante tão perigosos adversários.

Maximiano, Balacó, Salvador, J. Pinho, Mica e Serra foram os jogadores mais em evidência no domingo. Os restantes não destoaram.

Dirigiu a partida António Passos. Não sabemos como classificar o seu trabalho, pois êle está abaixo de todos os deminuitivos. Procurou, acintosamente, oferecer a vitória à *Ovarense*, sendo, sem dúvida, o peor adversário do grupo local.

O seu procedimento mereceu a repulsa e indignação de tôda a assistência. E o sr. Passos bem o constatou quando, no fim do desafio, se viu na necessidade de abandonar o rectângulo acompanhado pelos directores do *Beira-Mar* e pela fôrça da polícia.

A.

Correspondências

Esgueira, 27 de Fevereiro

Tenente Joaquim de Matos

A última *Ordem do Exército*, publicada a semana preterita, insere a passagem à reserva do sr. tenente Joaquim de Matos, que para a nossa terra veio viver, há meses, com sua esposa, a sr.a D. Maria Lucinda Alvim de Matos, professora na escola de Alumieira e filhos.

TEN. JOAQUIM DE MATOS

Possui várias condecorações, entre as quais a medalha comemorativa *Moçambique* (1914-1919); a da *Vitória* e a militar, de prata, da classe de comportamento exemplar.

Foi louvado pela 1.a Inspecção de Infantaria *pela boa vontade, zêlo e competência que revelou na forma como instruiu os soldados observadores da sua Unidade*, em 1931, *e pelo zêlo com que exerceu as funções de Comandante de Trem do batalhão organizado neste regimento para instrução dos disponíveis da classe de 1936, demonstrando mais uma vez muita competência, grandes qualidades de trabalho e dedicação pelo serviço.*

Cumprimentando o sr. tenente Joaquim de Matos, muito estimamos que goze ainda durante muitos anos a nova situação que agora disfruta.

C.

Necrologia

Faleceram: em *Vilar*, Engrácia de Jesus, viúva, de 92 anos; em *S. Bernardo*, Ana Miquelina de Jesus, solteira, de 77 e no *Bonsucesso*, a inocente Rosa Gonçalves Capela, de 3 anos, filha do sr. Manuel Capela Ramos.

* * *

Em Relva de Vila Chã (Vale de Cambra) também deixou de existir, a semana passada, o sr. Manuel Soares Pinheiro, presidente da Junta de Freguesia e abastado proprietário.

Contava 78 anos, deixa viuva a sr.a D. Maria Augusta Soares de Albergaria e era sôgro do sr. capitão Manuel Lourenço da Cunha, antigo chefe da Banda de Infantaria 10.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

Companhia Aveirense de Moagens

—o—

Assemblea Geral

Em conformidade com os artigos 32.º e 33.º dos nossos Estatutos, convoco os Senhores Accionistas a reünirem em sessão ordinária, no dia 22 do próximo mês de Março, pelas 15 horas, no escritório da Companhia, sendo a ordem dos trabalhos:

1.º—Deliberar sôbre o Relatório e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Eleição da mesa da Assemblea Geral e Conselhos de Administração e Fiscal para o triénio de 1941 a 1943;

3.º — Tratar de qualquer assunto de interêsse social.

Aveiro, 24 de Fevereiro de 1941.

O Presidente da Assemblea Geral
a) *José Pereira Tavares*

Agradecimento

António Coelho, na impossibilidade de agradecer por outro meio às pessoas que acompanharam à última morada o cadáver do seu particular e muito amigo, sr. José Moreira Freire, aqui lhes deixa o testemunho do seu reconhecimento, não esquecendo a deferência.

Aveiro, 27 de Fevereiro de 1941.